

COMO VIVER JUNTO

HOW TO LIVE TOGETHER

Paloma Vidal

Universidade Federal de São Paulo
Guarulhos – SP, Brasil

Mario Cámara

Universidade de Buenos Aires
Buenos Aires – Argentina

O título do volume 20, número 2, da *Alea: Estudos Neolatinos* alude evidentemente, e em primeiro lugar, ao curso que Roland Barthes ofereceu no Collège de France em 1977. Nele abordava uma série de tópicos para pensar sobre uma vida não fascista, em que a palavra não tivesse como objetivo capturar o outro. A essa origem primeira soma-se a 27ª Bienal de São Paulo, realizada em 2006, que a modo de homenagem e como eixo curatorial, utiliza o título do curso de Barthes. O esquema dessa bienal, curada por Lisette Lagnado, interpelou as representações nacionais e afirmou a arte como uma linguagem que atravessa fronteiras. Tratava-se de diluí-las num momento histórico de relativo otimismo para a América do Sul. O curso de Roland Barthes e a 27ª Bienal serviram de inspiração para um seminário de doutorado que oferecemos na Universidade Nacional de La Plata em 2014. Ali, a pergunta “como viver junto” começou a congregiar uma série de reflexões que procuravam problematizá-la a partir de diversos eixos temáticos e teóricos. Sua insistência soava cada vez mais urgente e incerta, num mundo que começava a mostrar signos eloquentes de adentrar um caminho de escuridão. Os desastres ambientais, as migrações forçadas, as crises econômicas nos faziam perguntar que tipo de comunidade era possível imaginar em tempos de hegemonia neoliberal, e o que tinham a literatura e a arte para dizer sobre os imaginários comunitários.

Este número de *Alea* é uma continuação de nossas inquietudes, enriquecidas agora com a contribuição de colegas professores e pesquisadores de diversas universidades latino-americanas. Embora não explicitado no índice, imaginamos um percurso que agrupasse em primeiro lugar um conjunto de reflexões que abordassem, sob diferentes perspectivas a relação entre viventes, incluindo aí o sujeito ocidental e suas relações com o mundo animal e

indígena, e com a natureza. Martín de Mauro, em “Tanta vida mutua (mujeres y precariedad animal)”, fundamentado em conceitos como “precariedade” e “vulnerabilidade”, analisa alguns textos de Clarice Lispector e o filme *La mujer de los perros*, de Laura Citarella e Verónica Llinás. Paula Fleisner, em “Comunidades posthumanistas: dos ejemplos de vínculos no especistas entre canes y animales en la literatura y en el cine latinoamericanos”, abordando também o filme *La mujer de los perros*, junto com o romance de Mario Bellatín *Perros héroes. Tratado sobre el futuro de América Latina visto a través de un hombre inmóvil y sus treinta Pastor Belga Malinois*, procura pensar vínculos não hierárquicos entre espécies. Bairon Oswaldo Vélez Escallón, em “Zero nada, nada, zero: uns índios Guimarães Rosa, sua fala”, analisa uma pequena crônica de Guimarães Rosa que relata um encontro com os índios Terenos e o que Rosa denomina sua “surpreendente” língua. Everton de Oliveira Moraes reflete sobre um aspecto pouco estudado da produção de Paulo Leminski em “Da solidão do deserto ao caos das trevas exteriores: ascese e invenção em Paulo Leminski”, ao abordar uma série de textos em que o poeta alerta sobre o risco ecológico, propondo uma ascese como conduta vital e única forma de enfrentar a cultura do consumo. Célia Pedrosa, em “Josely Vianna Baptista: uma poética xamânica da tradução e da tradição”, analisa a relação entre procedimentos de tradução e criação poéticas para propor que ali está em jogo uma política da convivência entre diferentes tradições culturais e um desmonte de diversas dicotomias, como mítico *versus* histórico, primitivo *versus* civilizado.

Nosso percurso continua com as contribuições que recuperam o pensamento de Barthes ou indagam sobre a noção de comunidade articulada em torno do pensamento de Georges Bataille, Jean Luc Nancy ou Giorgio Agamben, entre outros. Trata-se de um debate histórico que surge a partir da distinção estabelecida por Ferninand Tonnies entre “comunidade” y “sociedade”. Para Tonnies as comunidades não precisam do direito para regir suas relações, ao contrário das sociedades. O povo ou o campo estão caracterizados por relações pessoais e afetivas, em contraste com essas relações interpessoais e instrumentais, próprias de uma cidade ou grande urbe. Neste caso, a fábrica é a instituição social representativa (TONNIES, 1947). Posteriormente, o debate se atualiza, mas da perspectiva do final da utopia comunista, sendo a pergunta que articularia o debate “como construir comunidade depois do comunismo” (Ver NANCY, 2001; BLANCHOT, 2002; ESPOSITO, 2003). Começamos com o texto “A comunidade dos que escrevem a comunidade”, de Janaina Rocha de Paula e Luis Fernando Balby, em que *Comunidade inconfessável*, de Maurice Blanchot, e *Comunidade inoperada*, de Jean-Luc Nancy são a base teórica com a qual pensar da experiência de três autores que se distanciam no tempo, mas se aproximam na escrita: Nietzsche, Bataille e

Llansol, propondo uma ideia de comunidade como algo que se inscreve no campo da abertura de sentido e, portanto, mais do lado da literatura do que da filosofia. Continuamos com “*A vez de morrer: granizo e chuva no lugar total de Simone Campos*”, de Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio, que explora o conceito de “idiorritmo” de Barthes para pensar em tópicos da sexualidade e da religião presentes no romance de Simone Campos. A partir do mesmo conceito, Antonio Marcos Pereira analisa em “Levrero idiorrítmico” os romances *El discurso vacío* e *La novela luminosa* do escritor uruguaio, em que se afirma a possibilidade de vida a partir da negação de formas canônicas de cuidado e escrita de si. Edgardo Berg, em “Una fabril maquinación. Restos y ruinas de una comunidade en *Boca de lobo*, de Sergio Chejfec”, lê o romance do escritor argentino a partir da evocação de um mundo do trabalho em ruínas, como uma homenagem deslocada e contraclimática dos laços afetivos e efetivos construídos ali ao longo da história moderna. Claudia Amigo Pino e Lorena Amaro, em “Del biografema a la comunidad: dos casos recientes en la literatura latino-americana”, partem do conceito de biografema de Barthes para pensar sobre duas produções recentes, *Mi abuela: Marta Rivas González*, do chileno Rafael Gumucio (2013), e *A resistência* (2015), do brasileiro argentino Julián Fuks. Em “A resistência: uma vida”, Diana Klinger indaga de que maneira o romance de Diamela Eltit, *Jamás el fuego nunca*, intervém no debate contemporâneo em torno do conceito de “vida”; no romance, a palavra “célula”, que aparece repetidamente adquirindo diversas significações, é o ponto de partida para pensar acerca das complexas articulações entre o biológico e o político.

Uma terceira parte do percurso está constituída por textos que abordam questões referidas à marginalidade, ao desencanto e à violência. Quer dizer, aqui se analisam objetos literários e artísticos onde o que se discute é a impossibilidade de imaginar a comunidade ou, ainda, a opção comunitária que se daria por um posicionamento marginal ou “monstruoso”. Nesse sentido, Daniel Pecego Vieira Caetano, em “Cartografias das margens: estudos sobre a produção experimental dos cinemas argentino e brasileiro”, vê nas margens um posicionamento ético e estético de um conjunto de produções cinematográficas brasileiras e argentinas durante os anos sessenta e setenta. A figura do vampiro como uma estética da existência é abordada por Aline Rocha para refletir sobre a produção do colombiano Andrés Caicedo, em “Andrés Caicedo, a cidade, o cinema”. Ilana Feldman, em “Podem os personagens secundários falar? Posição feminina no documentário autobiográfico face à memória da ditadura militar no Brasil”, analisa os filmes “Os dias com ele”, de Maria Clara Escobar, e “Diário de uma busca”, de Flávia Castro, para propor que, a partir desse lugar secundário de enunciação, as autoras dos filmes constroem uma passagem do privado ao político, do pai ao país.

María Elena Lucero, em “Resistir juntos. Desencanto y conversión estética em poéticas brasileñas”, concentra-se em um conjunto de produções de Hélio Oiticica e Ferreira Gullar, que não tiveram a efetividade prevista para construir comunidade, e as analisa à luz do conceito de desencanto elaborado por Florencia Garramuño. Gabriela Lírio Gurgel Monteiro, em “Imagens extremas na cena contemporânea”, toma como ponto de partida “Pixe lated Revolution”, de Rabih Mroué, e “Le Metope del Paternone”, de Romeo Castellucci, para pensar acerca do uso de imagens violentas como forma de constituir um novo regime visível que permita imaginar novas interfases entre imagem e corpo em nossa contemporaneidade.

Finalmente, na seção de Resenhas, incluímos, o trabalho de Carlos Nogueira, que apresenta o livro *O Meças*, do escritor português J. Rentes de Carvalho, um romance que combina a representação da intimidade mais recôndita de duas personagens com a representação discreta, mas perceptível, dos problemas de Portugal, estabelecendo uma relação entre o tempo interior dos protagonistas e o tempo cronológico do país em que eles vivem ou viveram. Nogueira se encarrega de distinguir as formas extraordinariamente originais que o realismo adota na narrativa de Rentes de Carvalho, inserindo sua obra no melhor da tradição realista portuguesa.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *La comunidad que viene*. Valencia: Pre-textos, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. *La comunidad inconfesable*. España: Arena, 2002.
- ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Madrid: Amorrotu, 2003.
- NANCY, Jean Luc. *La comunidad desobrada*. Madrid: Arena, 2001.
- TONNIES, Ferninand. *Comunidad y sociedad*. Buenos Aires: Losada, 1947.

Paloma Vidal é escritora e ensina Teoria Literária na Universidade Federal de São Paulo. Publicou *Mar azul* (Rocco, 2012, romance); *Três peças* (Dobra, 2014, peças); *Durante e Dois* (7Letras, 2015, poemas do blog “Lugares onde eu não estou” <<http://www.escritosgeograficos.blogspot.com>>); e *Dupla exposição* (Rocco, 2016, contos com imagens de Elisa Pessoa). Seu livro mais recente é *Ensaio de voo*, publicado em 2017 pela editora artesanal Quelônio. Publicou também os ensaios *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul* (Annablume, 2004) e *Escrever de fora: viagem e experiência na narrativa argentina contemporânea* (Lumme Editor, 2011). Traduziu vários autores, como Clarice Lispector, Tamara Kamenszain e Margo Glantz. É editora da revista *Grumo* (<<http://www.salagrumo.com>>) e da coleção *Entrecríticas* (editora Rocco), de ensaios de crítica contemporânea. Dirige o ciclo de palestras performáticas “Em obras” (<<https://cicloemobras.wordpress.com>>), já realizado em Paris, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

E-mail: ondeeuaoestou@gmail.com

Mario Cámara é Doutor em Letras pela Universidade de Buenos Aires, Professor Adjunto de Literatura Brasileira nessa mesma universidade e pesquisador do CONICET. Publicou, entre outros *El caso Torquato Neto, diversos modos de ser vampiro en Brasil en los años setenta* (2011, Lumen editor) e *Corpos pagãos. Usos e figurações na cultura brasileira, 1960-1980* (2014, Editora da UFMG). *A máquina performática* (2017, Rio de Janeiro, Rocco, em colaboração com Gonzalo Aguilar), *Resto épicos. Relatos e imágenes en el cambio de época* (2017, Livraria, Buenos Aires, Premio Nacional de Ensayo del Fondo Nacional de las Artes). Desde 2003 faz parte do grupo de editores da revista *Grumo* (<<http://www.salagrumo.com>>). Traduziu, entre outros autores, Luiz Ruffato e Paulo Leminski. Foi bolsista em duas ocasiões pelo DAAD para pesquisar no Instituto Iberoamericano de Berlim, pelo GRUPO COIMBRA para realizar una estadia de pesquisa na Universidade de Leiden, Holanda. Foi Professor Visitante naa Universidad de Princeton (EUA) e Fellowship Fulbright para realizar uma estadia de pesquisa nessa mesma universidade.

E-mail: mario_camara@hotmail.com